



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9520 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

VIVÊNCIAS DO ESPAÇO-TEMPO, ROTINAS CULTURAIS COLETIVAS E ROTINAS DE CUIDADO NAS BRINCADEIRAS DOS BEBÊS

Elenice de Brito Teixeira Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Vanessa Ferraz Almeida Neves - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

VIVÊNCIAS DO ESPAÇO-TEMPO, ROTINAS CULTURAIS COLETIVAS E ROTINAS DE CUIDADO NAS BRINCADEIRAS DOS BEBÊS

RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa sobre os processos de constituição cultural da brincadeira em uma turma de bebês ao longo de dois anos na Educação Infantil (2017 – 2018). A pesquisa de campo foi realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Belo Horizonte - Minas Gerais, Brasil - com base nos fundamentos ontológicos e epistemológicos da Teoria Histórico-Cultural e da Etnografia em Educação, assim como nos diálogos com os Estudos da Infância e dos Bebês. A análise dialético-abdutiva do material empírico possibilitou argumentar que é a necessidade de participar no grupo que mobiliza intenções, ações, o domínio e a apropriação das práticas sociais, as linguagens e a atividade compartilhada dos bebês. Os acontecimentos sociais que afetam a vida dos bebês, dentro e fora da escola, circunscrevem os conteúdos das situações imaginárias criadas nas interações com os pares de idade, professoras, profissionais de apoio e artefatos culturais. A historicidade desses conteúdos culturais – espaço, tempo, rotinas culturais coletivas e rotinas de cuidado – possibilitam pensar que a brincadeira dos bebês e crianças é um ato de criação de possibilidades de participação no grupo social e de sentidos para o que acontece na vida coletiva; um ato constituído pela unidade [ação/imaginação].

Palavras-chave: Bebês. Brincadeira. Teoria Histórico-Cultural. Etnografia em Educação.

Introdução

Em um contexto de institucionalização do direito de brincar na Educação Infantil, quais relações e princípios possibilitam a constituição da brincadeira como atividade dos bebês e crianças? Quais conteúdos culturais são vivenciados pelos bebês na brincadeira? Quais transformações dialéticas acontecem nos contextos sociais, nas formas de desenvolvimento dos bebês/crianças e na brincadeira? Estas questões foram construídas no processo de pesquisa em uma turma de bebês ao longo de dois anos na Educação Infantil (2017 - 2018). Com base no diálogo entre a Psicologia histórico-cultural e a Etnografia em Educação, o material empírico foi gerado por meio de observações do cotidiano da turma, registrado com recursos de videogravação (572 horas de filmagens), fotografias e diário de campo, por meio de uma lógica de pesquisa dialético-abdutiva. A epistemologia para compreender a produção da existência dos bebês em contextos coletivos se funda na ontologia dos bebês como seres sociais potentes e vulneráveis que, na relação com Outros e com as materialidades, produzem subjetividades, individualidades e a singularidade humana.

A análise das dimensões da brincadeira, como as ações dos bebês e professoras, e também das fontes materiais e simbólicas, permitiu a inferência dos conteúdos culturais que circunscrevem a criação da situação imaginária e os modos de participação e as linguagens construídas nessa atividade. De modo geral, a análise contrastiva das atividades que constituíram brincadeiras no Berçário (2017) e na Turma do Abraço (2018) indica a permanência dos mesmos temas e conteúdos culturais (Figura 1) das situações. Ao longo dos dois anos, houve uma ampliação desses temas, o que se relaciona com a estrutura de oportunidades de brincar: as configurações espaço-temporais; a dinâmica das professoras e as propostas pedagógicas; as possibilidades de comunicação e locomoção enquanto elementos essenciais da interação dos bebês e crianças.

Neste trabalho, pretendemos mostrar, por meio da análise de eventos de brincadeira na Turma, que os acontecimentos sociais afetam a vida dos bebês, especificamente as rotinas de cuidado nos cotidianos familiares e da escola de tempo integral, constituindo situações imaginárias. Por outro lado, as rotinas culturais coletivas e as dimensões do espaço-tempo constituem vivências importantes que diversificam as situações imaginárias e ampliam as possibilidades de [percepção/ação] dos bebês para o campo imaginário por meio da [ação/imaginação].

Dimensões e conteúdos culturais da brincadeira na Turma

As vivências dos bebês são compreendidas como processo subjetivo-objetivo, ou seja, como experiências imediatas vividas e constituídas de ato e conteúdo (VARSHAVA e VIGOTSKI, 1931 apud TOASSA, 2019), os quais são integrados na/pela atividade dos bebês e crianças. Assim, a brincadeira, como atividade constituída pela [ação/imaginação], representa um ato de vivenciar conteúdos sociais e culturais, de evidenciar e construir afetos, sentidos e relações sociais no grupo. A figura 1, a seguir, com conteúdos sociais e culturais nas brincadeiras observadas, já suspende o pressuposto de que bebês só “exploram objetos” e representa um ponto de contraste relevante em relação à tendência encontrada na literatura de considerar a elaboração de conteúdos culturais pelas crianças somente a partir de 2 anos de idade. Se compararmos esses temas com os temas identificados em outras pesquisas com crianças mais velhas (CORSARO, 2003; BICHARA,

2011), constatamos que os contextos histórico-culturais, as condições da vida cotidiana, os papéis sociais, os arranjos institucionais, incluindo as narrativas da humanidade que entram no currículo da Educação Infantil, atravessam os temas de ação dos bebês e crianças.

Figura 1: Conteúdos culturais da brincadeira na Turma (2017 – 2018)



Fonte: Elaboração das autoras, 2020.

Diversas pesquisas sobre elaboração cultural das crianças entre pares privilegiaram a “escuta” e observação de crianças maiores de 4 anos. A relativa ausência dos bebês na pesquisa socio-antropológica já foi constatada por Gottlieb (2012) em virtude das dificuldades teórico-metodológicas de olhar os mais novos da espécie como informantes das culturas. No Brasil e em outros países, há pesquisas (GARVEY, 2015; CARVALHO e PEDROSA, 2002) que defendem que bebês e crianças menores de dois anos criam, elaboram e transmitem conteúdos culturais nas brincadeiras. Então, de que modo a inserção e permanência dos bebês em uma escola de tempo integral em um bairro de serviços da região metropolitana, pelo tempo médio de 9 horas e meia diárias, podem ser lidas nos temas que as crianças desenvolvem?

Selecionamos alguns eventos (Figura 2) para análise que evidenciam a permanência e ampliação das brincadeiras com os mesmos temas nos dois anos da pesquisa.

Figura 2: Eventos de brincadeiras com rotinas de cuidado (2017 e 2018)



Fonte: Elaboração das autoras, 2020.

As ações de Maria e Simone com os artefatos culturais são mediadas, em nossa interpretação, por representações, símbolos, gestos e imagens que as ações de outras pessoas com esses artefatos produzem. Por essa razão, podemos dizer que esse conjunto de sentidos e significados vinculados às imagens e representações funcionam como signos originários, sobretudo para os bebês recém chegados ao mundo. Nos quatro eventos, essas ações, dirigidas à transformação dos sentidos e funções dos artefatos, criam as contradições que fizeram emergir ações no campo imaginário e a criação de uma situação imaginária. Os espaços-tempos, materiais e relações das bebês com as professoras e outras bebês, estabeleceram condições para que as transformações dos sentidos de boneca como filha e de peças de montar como alimentos, por exemplo, acontecessem. Por outro lado, a unidade [ação/imaginação], como unidade de desenvolvimento cultural dos bebês, transforma as dimensões do espaço-tempo como espaço vivenciado no ato de brincar, além de transformar a comunicação com as professoras, as interações entre eles e a própria situação imaginária.

Esses eventos tornam visível a [ação/imaginação] dos bebês construindo situações imaginárias de cuidar e, portanto, atos de criação de sentidos para as práticas de cuidado que acontecem dentro e fora daquele grupo. As estruturas de oportunidade de brincar de cuidar, como (i) o tempo/espaço, os artefatos culturais presentes na sala do berçário e na Turma do Abraço, (ii) os modos de participação das adultas no grupo e (iii) a própria condição dos bebês de serem cuidados o tempo todo por alguém têm ligação com a centralidade das práticas de cuidado nas brincadeiras. A brincadeira de cuidar expressa o desejo dos bebês de se engajarem nessas práticas e de compreenderem as dinâmicas sociais de cuidado.

Mesmo no Berçário (2017), vimos que esses eventos não são constituídos de ações solitárias de bebês com objetos, mas investigações sobre possibilidades de [percepção/ação] com artefatos culturais que, aos poucos, começam a ser dirigidas a si mesmo, a outras pessoas ou bonecas. Naquele ano, as práticas de alimentar os bebês eram diariamente realizadas na sala de atividades diversas vezes ao dia e envolviam o uso social de pratos, colheres, copos e mamadeiras. A dimensão coletiva de grande parte das práticas de cuidado possibilitava a participação direta ou indireta de todos no transcorrer dos dois anos. Por outro lado, a configuração familiar e os acontecimentos sociais que afetavam Maria e Simone em outros espaços fora da EMEI, contribuíram para a inserção de outros conteúdos culturais não percebidos no grupo, como fazer a comida e amamentar o neném. A transição entre espaços-tempos e rotinas de cuidado pela [ação/imaginação] das duas bebês possibilitou trocas simbólicas e a ampliação dos conteúdos da brincadeira no grupo.

Uma das mudanças mais revolucionárias nessas brincadeiras é o surgimento da comunicação verbal para apoiar a ação e sinalizar o tema da atividade. No Berçário (2017), vários desafios foram observados no sentido de manter a intencionalidade no uso do objeto sem machucar o colega, por exemplo. As professoras orientavam verbalmente as ações com os artefatos culturais e nomeavam as ações dos bebês. Na Turma do Abraço (2018), os bebês sinalizavam a brincadeira de comer, nomeando o que estava sendo oferecido, por exemplo. A participação das professoras e auxiliares de apoio na ampliação dessas vivências contribuiu para a enunciação da ação na brincadeira e para que houvesse uma transição dialética entre o percebido e o imaginado na constituição das ações pelos bebês.

A necessidade de transcendência do real percebido pelos bebês na brincadeira é condição para a situação imaginária. É pela [ação/imaginação] que eles/as parecem criar um diálogo com o mundo que não se limita ao real. As imagens do mundo, categorizados por nós como temas, movem a brincadeira, produzindo novas imagens imaginadas, mas são sempre imagens sociais em sua origem. Ou seja, não são imagens reais e nem imaginárias,

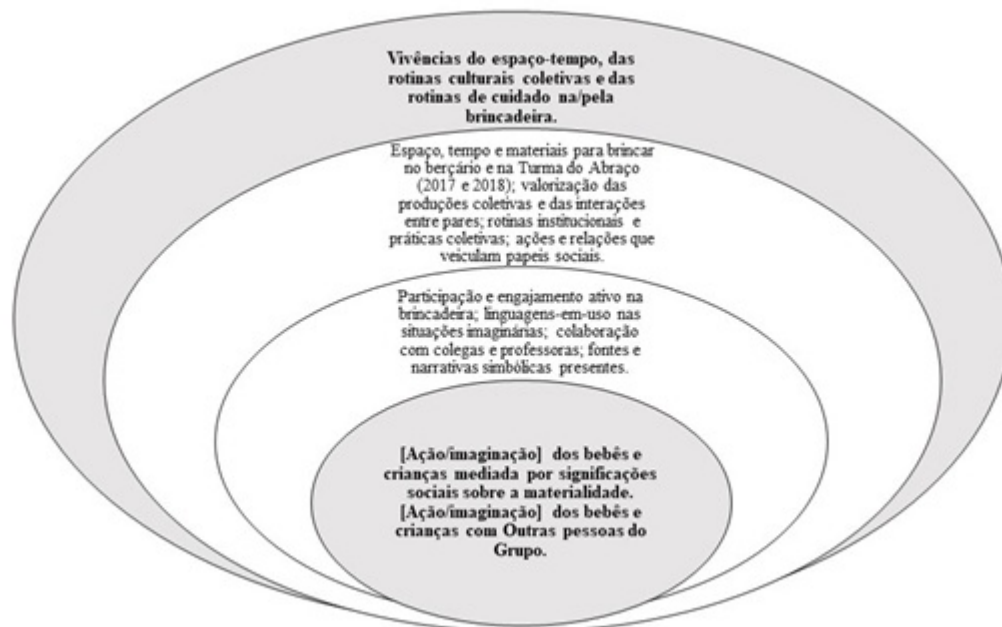
são transcendentais, um modo de se aproximar/afastar da realidade, compreendendo-a.

Conclusão: as vivências dos bebês na brincadeira

Nas situações imaginárias analisadas, a ação intencional e a imaginação formam uma unidade pela busca de sentidos e atuam juntas na construção da brincadeira como meio de conhecer, narrar, voltar-se para a vida cotidiana e aprendê-la. Mais além, trata-se de um processo de apropriação da cultura e, simultaneamente, de constituição subjetiva dessas crianças. Identificamos que a unidade [ação/imaginação] é princípio para criar na brincadeira e transforma a atividade, as relações sociais e o próprio desenvolvimento cultural dos bebês. A criação de intenções voluntárias e de planos de ação, assim como a função imaginária que vimos emergir nas ações dos bebês nos eventos de brincadeira desde o Berçário, apoiadas pelo imaginário coletivo, potencializaram a: i) desconstrução do espaço e do tempo cotidianos; ii) apropriação das rotinas culturais coletivas; iii) apropriação das rotinas de cuidado.

Esse tipo de abordagem dialética da brincadeira (Figura 3) no leva a concluir que a inserção em um novo grupo social cria a necessidade de lançar-se em outras relações e construir sentidos para esse espaço-tempo vivenciado por cada bebê.

Figura 3: Abordagem dialética da brincadeira no Grupo de bebês



Fonte: Elaboração das autoras, 2020.

As brincadeiras com os temas da moradia, comunicação, passeios, mãe e filha, rotinas culturais coletivas (pega-pega, esconde-esconde, brincadeira de roda) e rotinas de cuidado (alimentação, higiene, sono, saúde e beleza) revelam um processo contínuo e incansável de produção de sentidos para a vida material e simbólica no grupo em interface com outros espaços-lugares dos bebês e crianças. Portanto, nos eventos analisados, há

vivências de atos de cuidado de si, do outro e das coisas que são fundantes de uma ética da alteridade construída na convivência coletiva que justifica a Educação Infantil como direitos dos bebês e suas famílias.

Referências

BICHARA, Ilka. Nas águas do Velho Chico. In: CARVALHO, Ana M. A.; MAGALHÃES, Celina M. C.; PONTES, Fernando A.R.; BICHARA, Ilka (Orgs). **Brincadeira e cultura**: viajando pelo Brasil que brinca. Vol I: O Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

CARVALHO, Ana Maria; PEDROSA, Maria Isabel. Cultura no grupo de brinquedo. **Estudos de Psicologia**, v.7, n. 1, p. 181-188, 2002.

CORSARO, William A. **We're friends, right?:** inside kids' cultures. Washington, DC: Joseph Henry Press, 2003.

GARVEY, Catherine. **A brincadeira**: a criança em desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Original de 1977.

GOTTLIEB, Alma. **Tudo começa na outra vida**: a cultura dos recém-nascidos no Oeste da África. Tradução: Mara Sobreira. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

TOASSA, Gisele. Uma definição indefinida: contribuições recentes ao conceito de vivência na psicologia vigotskiana. In: TOASSA, Gisele; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; RODRIGUES, Divino de Jesus da Silva (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica e desigualdade social**: do pensamento à práxis. [Ebook] Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019.